

a nova peste
da ideologia de género
ao fanatismo *woke*
manuel maria carrilho

**PARA O DINIS,
POR TUDO O QUE SÓ ELE SABE.**

**O wokismo
vai estruturar a vida intelectual ocidental nos próximos
trinta anos, tal como a contestação ou a defesa do marxismo
estruturou a sociedade durante décadas.**

Y A S C H A M O U N K

— ÍNDICE —

I. A PESTE AMEAÇA A CIDADE • 13

1. Uma vaga de fundo • 15
2. O paradigma do ilimitado • 27

II. DA TEORIA À IDEOLOGIA DE GÉNERO • 33

3. Da teoria à ideologia: o identitarismo • 35
4. Neofeminismo, criacionismo, lisenkismo • 49
5. Uma performatividade mágica • 53
6. Alternativas libertárias • 57

III. RAÍZES DO WOKISMO • 69

7. Genealogia • 71
8. Teses e consequências • 75
9. Vitimização • 77
10. Ressentimento • 89

IV. RACISMO SISTÊMICO E DECOLONIALISMO • 95

11. Um novo anti-racismo • 97
12. A *branquitude* como bode expiatório • 101
13. Raça — o conceito e a estratégia • 104
14. Uma culpabilidade ilimitada • 109

V. ESTRATAGEMAS DA INTERSECCIONALIDADE • 113

- 15. Anacronismos • 115
- 16. Que patriarcado? • 117
- 17. Da raça ao sexo e vice-versa • 123
- 18. «Pontos de vista», uma epistemologia? • 128

VI. TRANSUMÂNCIAS TEÓRICAS E NOVAS CENSURAS • 133

- 19. Equívocos da *french theory* • 135
- 20. Desconstrução e *cancel culture* • 140
- 21. Apropriação ou usurpação cultural? • 147
- 22. Do #MeToo à «questão trans» • 156

VII. O WOKISMO E A GENERALIZAÇÃO DO FANATISMO • 167

- 23. Totalitarismo ou fanatismo? • 169
- 24. Wokismo à portuguesa • 175

VIII. O QUE LÁ VEM... • 187

POSFÁCIO — DO WOKISMO AO TRUMPISMO • 197

BIBLIOGRAFIA • 209

- Do autor • 216

— I —

**A Peste
Ameaça
a Cidade**

Uma vaga de fundo



No dia 1 de Fevereiro de 2023 publiquei no meu blogue *Pensar o Mundo*, a propósito de um acontecimento muito mediatizado ocorrido uns dias antes no Teatro São Luiz, em Lisboa, o seguinte texto, que intitulei *A Peste Ameaça a Cidade*: «Escreveu-se muito sobre o “trans-caso” que aconteceu no Teatro São Luiz, no passado dia 19, no decorrer do espectáculo *Tudo Sobre a Minha Mãe*. Infelizmente, com raríssimas excepções — que as houve —, em geral deu-se uma no cravo e outra na ferradura, a revelar o medo que já grassa por aí do wokismo (termo de tradução equívoca, que circula sobretudo no original), da *cancel culture* (que se pode traduzir por “práticas de cancelamento”) e de toda a imensa panóplia de formas de fanatismo analfabeto e persecutório que acompanha estes dois termos.»

E continuava: «Um fanatismo que se identifica bem no frenético uso da palavra “fobia”. Ao juntar este sufixo (que significa medo e/ou aversão) a todas as posições que criticam — ou apenas não acolhem — as suas teses, o que o wokismo, a *cancel culture* e os seus derivados visam não é questionar, argumentar ou debater ideias, mas censurar, garrotar e calar todos os que discordam das suas teses — mesmo pela força, quando o julgarem necessário, como tantas vezes e em tantos

planos já tem acontecido. O seu mundo é o mundo do *impensar*, é como designo a forma hoje dominante do politicamente correcto e da sua fábrica de ignorâncias. Poder-se-ia talvez dizer que se trata de uma nova modalidade de Ur-fascismo, há anos caracterizado por Umberto Eco. Mas na verdade trata-se mais de uma peste, uma nova peste que se vem espalhando por todo o Ocidente, sobretudo a partir da generalidade dos *media* e, lamentavelmente, de muitas universidades, peste que é preciso combater sem medo, com conhecimento, lucidez e coragem.»

Mas, afinal, o que tinha acontecido, que me levou então a publicar este texto? Muitos leitores já se terão esquecido, pelo que, recorrendo ao jornal *Público* de 20 de Janeiro de 2023, talvez valha a pena lembrar o que se tinha passado uns dias antes. Publicou na altura este jornal um artigo, de que vale a pena transcrever uns excertos: «A peça *Tudo Sobre a Minha Mãe*, de Samuel Adamson, a partir do filme homónimo de Pedro Almodóvar, agora numa versão cénica de Daniel Gorjão, foi interrompida perto do final da sua récita de quinta-feira quando Keyla Brasil, que se identificou como “atriz, prostituta”, invadiu o palco do Teatro São Luiz, em Lisboa, acusando a falta de legitimidade para que aquela história fosse contada por actores/atrizes que não fossem pessoas transgénero. (...) O acontecimento teve efeitos palpáveis bastante rápidos: durante a tarde desta sexta-feira, o São Luiz, onde a peça estará em cena até domingo, anunciou que Lola seria agora interpretada pela atriz trans Maria João Vaz. E já a partir da sessão desta noite de sexta-feira. Apesar de a cortina rapidamente ter descido e de o público ter sido convidado a sair da sala, podendo reclamar o reembolso do bilhete, a assistência manteve-se nos seus lugares e assistiu ao discurso de Keyla Brasil, gritando “Isto aqui não é representação, é a minha vida”, e acusando a peça de ser um “assassinato, apagamento da nossa identidade como travesti”. Disse ainda que é a falta de lugar nos palcos para contar a sua história que a empurra para a prostituição.»

E continuava o jornal, pela mão dos jornalistas Gonçalo Frota e Rodrigo Nogueira: «Contextualizemos: *Tudo Sobre a Minha Mãe* co-

loca em cena a história de Manuela, mulher que parte em busca da prostituta trans Lola, após a morte do filho de ambas. Ao regressar a Barcelona, confronta-se com o seu passado e reencontra Agrado, amiga que não via há 20 anos e que seria o ponto de contacto mais evidente com Lola. Para o papel de Agrado, também prostituta trans com um papel de peso no cinema e no teatro, o encenador do espectáculo, Daniel Gorjão, quis encontrar “por uma questão de representatividade e de acesso”, conforme explicou ao *Ípsilon* antes da estreia, uma actriz trans. Foi através de *casting* dirigido especificamente a mulheres trans que foi escolhida Gaya de Medeiros. No momento em que Keyla Brasil subiu ao palco, enquanto se ouvia bradar “transfake”, havia de se dirigir ao actor André Patrício (que, numa curta cena, fazia o papel de Lola, desdobrando-se em vários papéis), instando-o a descer do palco. Gaya ainda discursou depois do ocorrido, a dizer que a peça não estava como devia estar, e que nada disto era contra pessoas específicas, mas sim contra um sistema, e afirmou que “a liberdade de uma não é a liberdade de todas”. Keyla Brasil seria aplaudida pelo público, num momento preparado enquanto *happening* também — houve faixas a serem exibidas e filmagens que circulam pelas redes sociais a tornar evidente que parte dos espectadores seria cúmplice —, mas também a actriz Maria João Luís (na peça é Huma Rojo, estrela do teatro), que ao lado de todo o elenco afirmaria que é “também por esta causa” (de respeito pelas vidas e pelas histórias trans) que o espectáculo acontece, pedindo igualmente respeito “pela nossa postura e pela nossa posição no teatro”. Rematando com “o teatro é livre”.

Aparecia assim, pela primeira vez, com destaque no espaço público português, a *reivindicação identitária* que, com todos os seus corolários (a ideologia de género, o feminismo radical, a apropriação cultural, a cultura do cancelamento, o racismo sistémico, os anacronismos históricos, o transexualismo, etc.), tem vindo a impor-se no mundo ocidental nos últimos tempos. Os jornalistas do *Público*, mais do que uma alusão ao acontecimento, fizeram questão de o descrever o mais pormenorizadamente possível, destacando que, do «lado da encenação, Daniel Gorjão argumenta que todos os envolvidos na

produção compreendem “a luta”. “Estamos do lado desta luta pela representatividade da comunidade trans, sempre defendi isto. Fizemos um gesto de tentar uma representatividade, mesmo com erros, porque há questões que se impuseram durante a produção do espectáculo”, assevera. “Mas esse gesto não foi suficiente, assumimos essa má opção. Estamos solidários, como se provou ontem durante a intervenção de Keyla Brasil. Todo o elenco veio ao palco. Estamos solidários com a causa, acho que a mudança se faz mudando e só agora, depois de todos estes acidentes, é que também se conseguiram reunir as condições para esta alteração, com todo o apoio e suporte dos teatros coprodutores do espectáculo”, diz».

O leitor que me perdoe as extensas transcrições da notícia do *Público*, mas ela evidencia bem aquilo que é essencial para se compreender não só o sentido do meu texto inicial, como, sobretudo, o objectivo central deste livro, que então tomei a decisão de escrever. Estava na altura a terminar muito concentradamente um outro livro, que seria publicado em meados de 2024, *Acuso — a parcialidade da justiça e a impunidade de que goza* (Edições 70), mas ainda assim não consegui, por esses dias, a propósito deste caso, deixar de ir pensando sempre no novo fenómeno, que vinha acompanhando com perplexidade e interesse desde que ele emergira, uns bons anos antes, nos Estados Unidos, e que se vinha espalhando com rapidez e intensidade por todo o mundo ocidental, tendo agora chegado ao seu ponto europeu mais extremo, a Portugal: o wokismo.

Comecei por referir o episódio do Teatro São Luiz, em Janeiro de 2023, por se tratar de um acontecimento pioneiro em termos nacionais, mas podia ter referido muitos outros semelhantes, ocorridos no mundo ocidental, sobretudo nos EUA, nos últimos 10/15 anos. Vou só dar três exemplos, que — sem exagero — podia multiplicar por centenas. Começamos em 2015, quando, em Outubro desse ano, no período do Halloween, uma professora do Yale Child Study, Erika Christakis, enviou um *e-mail* à administração da universidade a perguntar se era normal — como estava a acontecer — que os responsáveis de Yale se desmultiplicassem em conselhos aos estudantes sobre

as roupas que convinha não vestirem nesse período, por as considerarem «problemáticas», mostrando-se preocupada com o que lhe parecia ser um controlo institucional excessivo da vida dos estudantes. Ora, este simples pedido de esclarecimento desencadeou a fúria de um grupo de estudantes, que a acusaram de racismo e de o verdadeiro alvo da sua pergunta ser as «roupas racistas» usadas no Halloween. Por mais explicações que a professora desse sobre o sentido do seu *e-mail*, as acusações intensificaram-se, e a certa altura deixam de ser só a ela e passaram a atingir também o marido, das acusações os estudantes passaram às perseguições, e tudo se tornou tão insuportável que o casal Christakis acabou por se demitir, tendo as manifestações de solidariedade de que foram alvo sido todas estritamente privadas, fazendo sempre questão de que assim se mantivessem, o que revelava bem o ambiente de medo e de terror que já reinava em Yale (cf. Valentim, P., 2023).

O segundo exemplo passou-se dois anos mais tarde, em 2017, na Universidade de Evergreen. Havia nesta universidade a tradição de fazer todos os anos o «dia da ausência», em que os professores e estudantes não brancos abandonavam o *campus* e se reuniam fora dele, com o objectivo de assim destacarem o seu indispensável papel na vida da universidade. Em 2017, os organizadores desse dia decidiram inverter a situação, exigindo que fossem os professores e os estudantes brancos a abandonar o *campus*. Aconteceu que um desses professores, o Prof. Bret Weinstein, se recusou a fazê-lo, com base na distinção entre, por um lado, decidir livremente sair do *campus*, como até então sempre tinha acontecido com os professores e os estudantes não brancos, ou, por outro, ser coercivamente obrigado a fazê-lo, como lhe estava a ser imposto. Esta recusa do Prof. Bret Weinstein suscitou a cólera dos estudantes, mas não só: ele teve de enfrentar também a hostilidade da própria administração universitária, não tendo sido preciso muito tempo para que se visse obrigado a abandonar Evergreen (uma descrição mais detalhada deste episódio encontra-se em Murray, D., 2020, pp. 137-140).

Um terceiro exemplo leva-nos para outra ordem de acontecimentos deste *novo mundo*: em 2023, a editora Puffin Book, do grupo

Penguin Random House, decidiu reeditar as obras do conhecido escritor de literatura para jovens Roal Dahl, mas alterando substancialmente diversas palavras dos seus livros, que a editora considerou poderem ser consideradas discriminadoras ou ofensivas, como seria o caso das palavras gordo (*fat*, substituída por enorme), branco (*white*, substituída por pálida), pai e mãe (troçadas por *parents*), rapazes e raparigas, que passaram a ser «crianças», etc. Outras palavras foram simplesmente eliminadas, como aconteceu com as palavras «feio» ou «negro», esta usada para descrever um estado de espírito. Esta prática censória, entretanto, generalizou-se, a ponto de as editoras passarem a ter «leitores de sensibilidade» (*sensitivity readers*) para avaliarem a respeito dos textos pela ortodoxia *woke*, não só dos livros eventualmente a publicar, como também dos já publicados. E os exemplos deste alucinante furor censório não pararam de aumentar, na literatura, no cinema, em todos os domínios da cultura, cujas obras e autores foram sendo objecto de cancelamentos sumários ou de impiedosas — em rigor, criminosas — alterações.

Cancelados foram, entre tantos outros, *Bob, o Construtor*, o *Toy Story*, o *Scooby-Do*, o *007* — neste caso foi anunciada a substituição do actor branco por uma actriz negra, Lashana Lynch —, como alteradas foram, dos títulos aos conteúdos, obras de Enid Blyton, Agatha Christie, Mark Twain ou Patrícia Highsmith, de cujo *Diário* (1945-95) foram cortadas milhares de páginas, consideradas mais controversas — «ofensivas, amargas ou misantropas», segundo a editora —, tendo sido publicado sem qualquer indicação de onde foram feitos os cortes. E podemos continuar: o título do livro de Agatha Christie, *10 Pequenos Negros*, foi alterado para *Eram Dez*. De Enid Blyton, a autora da famosa série Os Cinco, o livro *O Habitante da Árvore Longínqua* foi reescrito, em 2022, sob o pretexto de nuns casos se removerem expressões sexistas (onde estava «trabalhos domésticos» passou a estar «lições sobre a igualdade de género»), outros de encontrar palavras mais adequadas, por exemplo trocando moreno por «bronzado»... Desta autora, a editora Macmillan recusou mesmo reeditar o livro *O Mistério Que Nunca Existiu*, alegando a sua «xenofobia antiquada». E deixo para mais adiante o caso das

perseguições a J. K. Rowling, ou a tentativa de cancelamento do escritor e Prémio Nobel francês Albert Camus.

Mas há mais, como o auto-de-fé realizado no Canadá, em 2019, onde cerca de 5000 livros de várias bibliotecas escolares (mais exactamente, 4716), considerados inconvenientes à luz da dogmática wokista, foram simplesmente queimados em público. E se passarmos para outros domínios, não podemos deixar de referir o cancelamento de conferências por personalidades críticas do wokismo. Só em França podem referir-se, entre muitos outros, os cancelamentos de Sylviane Agacinski na Universidade de Bordéus, de Mohamed Sifaoui na Sorbonne, de Alain Finkielkraut em Sciences-Po de Paris ou de Sabine Prokhoris na Faculdade de Medicina Necker. Ou o cancelamento da tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo, em 2019, na Sorbonne, com base na acusação de recorrer ao *blackface* e com o argumento — de que falaremos adiante — de se tratar de uma situação de «apropriação cultural». Mais tarde, no início de 2023, na universidade holandesa de Groningen, seria a vez da peça de Samuel Beckett, *À Espera de Godot*, aqui com o argumento de os seus personagens serem todos homens, desprezando-se o facto de essa ser a indicação, e vontade expressa, do seu autor. Tudo indica assim que, como afirmou Salmon Rushdie numa mensagem enviada em Maio de 2023 ao British Book Awards, se está «a viver um momento em que a liberdade de expressão e a liberdade de publicação nunca estiveram sob uma tão grande ameaça nos países do Ocidente», bem nos antípodas do «direito de ofensa» tão eloquentemente defendido por Mick Hume no seu livro *Trigger Warning*, como inerente àquelas liberdades fundamentais e indissociável do seu exercício.

E o diagnóstico de S. Rushdie continua certo: se olharmos para o cinema, aqui vemos obras como *Peter Pan*, *Os Aristogatos* ou *O Livro da Selva* serem retirados das secções infantis da Disney, ou casos em que, como aconteceu com *O Feiticeiro de Oz*, o original é completamente estropiado: na sua recente versão, a Bruxa Má é rebaptizada Elphaba, e de maléfica desde o nascimento ela torna-se, agora, na vítima da incompreensão e da intolerância geral devido às suas

várias diferenças. Como certamente escreveu a propósito Eurico de Barros, *O Feiticeiro de Oz foi transformado no Feiticeiro Woke*: «A Terra de Oz é agora um lugar repressivo e de pendor totalitário, mas devidamente multicultural, em que o afável Feiticeiro (Jeff Goldblum) que vive na Cidade Esmeralda não passa de um ditador encapotado. Os Munchkins já não são anões, mas pessoas um bocadinho mais baixas que as outras. O activismo dos direitos dos animais e a crítica à discriminação devido ao aspecto, às capacidades invulgares (Elphaba tem poderes mágicos de nascença), às deficiências físicas e à cor da pele (não basta a Elphaba ser verde, ela também é interpretada por uma actriz negra, Cynthia Erivo, para o filme introduzir e sublinhar, com a subtilidade de uma retroescavadora, o tema do racismo), também picam o ponto em *Wicked*. No final desta primeira parte, Elphaba torna-se não numa feiticeira maléfica, mas sim numa heróica resistente em fuga da ditadura do Feiticeiro de Oz e seus aliados, caso de Madame Morrible (Michelle Yeoh). (...) A realização de Jon M. Chu (autor de futilidades como *Asiáticos Doidos e Ricos* ou *Ao Ritmo de Washington Heights*) é frenética, impessoal e muito dependente dos efeitos digitais, que conferem ao filme uma identidade visual sintética e *fake*, e são incapazes de despertar no espectador o espanto e a sensação de maravilhoso dos efeitos artesanais, mas ainda hoje eficacíssimos da fita de Victor Fleming. Além de ser ideologicamente detestável, *Wicked* é cinematograficamente medíocre.» (*Observador*, 03.12.2024.)

Vemos obras como *Psycho*, de Alfred Hitchcock, que tinha conseguido ultrapassar várias tentativas de censura de alguns episódios na altura da sua realização, ser agora alvo de novas ameaças de censura; ou *E tudo o Vento Levou*, de Victor Fleming, que — como aconteceu com *Psycho* — é antecedido por *avisos* sobre o seu conteúdo, neste caso escravagista, tendo mesmo sido retirado da plataforma HBO. O mesmo aconteceu com o filme *Gone Girl*, de David Fischer, porque desacreditaria a palavra das mulheres vítimas de agressão sexual, ou com *Green Book*, e Peter Farrelly, porque insinuaria o estereótipo do branco salvador de negros... e a lista poderia continuar com *Os Intocáveis*, *A Guerra dos Tronos*, etc., etc. Não admira, pois,

que, com esta sanha censória, os 50 maiores estúdios de produção dos EUA tenham, desde 2020, organizado gabinetes especializados no controlo dos dogmas wokistas, com a missão de «relerem os argumentos, rastrear os estereótipos de género e modificarem os enredos, de modo a eliminarem qualquer traço de “cultura da violação”, cuja definição agora engloba todos os tipos de sedução assimétrica, etc.» (Fitoussi, S., 2024, p. 30), o que leva a que a produção audiovisual americana, mas não só, siga cada vez mais obedientemente o cânone wokista.

Cânone que, segundo Samuel Fitoussi, impõe uma obediência estrita a três normas. A *primeira* decreta o desaparecimento do amor heterossexual, o que levou por exemplo à produção do um novo *Barbie*, filme de onde desapareceram quaisquer ligações amorosas. A *segunda* estipula a misandria, ou seja o ódio (do grego *misèò*) ao homem, ao masculino, de que é um bom exemplo a série de produção francesa *Martin, o Sexo Fraco*, que em 38 episódios procura expor a toxicidade masculina nas suas diversas facetas. E, por último, a *terceira* norma, que impõe que se represente o Ocidente como um inferno patriarcal e racista, como o ilustram as séries *Lupin* ou *New Amsterdam*, que visam, como diz Fitoussi, «filtrar selectivamente a realidade, mostrando apenas o seu lado negativo e substituindo a complexidade das interações humanas por relações opressores-oprimidos» (ibid., p. 33. Deve-se a Samuel Fitoussi uma exaustiva análise do condicionamento wokista na produção de filmes e séries televisivas nos EUA, e do modo como esse condicionamento tem não só afectado pesadamente a liberdade artística, como formatado insidiosamente o imaginário ocidental, cf. Fitoussi, S., 2023-a).

São acontecimentos e situações que fui sempre seguindo com a maior atenção, consultando os artigos que na imprensa internacional se multiplicavam, lendo muitos dos livros que iam sendo publicados, debruçando-se sobre todo este insólito processo de transformação do «politicamente correcto» em algo que lembra os tribunais da Inquisição, já então internacionalmente consagrado sob a designação de «wokismo». E agora também atento aos sinais nacionais, que

iam aparecendo em cada vez maior número e variedade de formas. Tomada a decisão de escrever este livro, comecei a organizar esse material e a sistematizar as leituras, feitas e a fazer, necessárias para o concretizar. Decisão que resultou de um forte pressentimento de que — contrariamente ao que muitos diziam, no sentido de o wokismo ser um simples e passageiro fenómeno de moda, que rapidamente desapareceria — se estava perante uma *vaga de fundo*, um processo de natureza social, cultural, talvez mesmo civilizacional, que iria ter muitas consequências em diversos planos das sociedades ocidentais, acentuando de um modo brutal os traços censórios e persecutórios que o chamado movimento «politicamente correcto» já tinha vindo a impor por todo o lado, desde as últimas décadas do século xx (cf. Monteiro, M., 2020).

Além disso, via com a maior das surpresas o modo como o wokismo se tornava também, ao mesmo tempo e cada vez mais, numa — muitas vezes na única — causa ideológica de uma boa parte da esquerda, que assim abandonava valores que eu considerava intrínsecos ao seu património e à sua, digamos, natureza. Surpresa a que se juntava uma enorme preocupação, ao ver também como o wokismo se disseminava com inusitada rapidez e intensidade por todo o mundo ocidental, condicionando mentalidades, inculcando-se na vida profissional, social, cultural e mesmo na vida pessoal (cf. Halioua, N., 2023), impondo-lhes uma visão do mundo que se traduzia numa regressão de séculos do ponto de vista civilizacional, isto é, no modo como elas se vêem a si próprias, como se relacionam com as outras (em termos de sexo, de raça, de gerações, de civilidade, etc.), como olham para o seu passado e para o seu futuro, como concebem as relações de poder e as formas de dominação, como vivem a actualidade do seu tempo e como definem a constelação de valores que assumem ou rejeitam.

Naturalmente que Portugal não escapou a esta intensa difusão do wokismo, onde também foi a ideologia de género que teve um papel pioneiro. Mas deixaremos este ponto para o último capítulo, onde procurarei avaliar a situação nacional nas várias vertentes do wokismo, da

ideologia de género até às práticas de cancelamento, passando pelo sensível tópic do racismo *versus* anti-racismo. Sendo apenas de assinalar que o período do chamado governo da «geringonça», em rigor um pouco mais, de 2015 a 2023, lhe foi altamente favorável, sendo muito equívocos os sinais dados pelo governo que se lhe seguiu, em 2024.

Estávamos então ainda longe, muito longe, de pensar no modo como o regresso político, e posterior vitória eleitoral, de Donald Trump, nas eleições presidenciais americanas de Novembro de 2024, viria a pôr na primeira linha de todas as agendas mediáticas ocidentais este fenómeno até então tão ignorado e marginalizado pela generalidade dos cidadãos e tão menosprezado pelas forças políticas, sobretudo as de esquerda, que, só depois de ele se ter revelado uma das principais razões da pesada derrota de Kamala Harris e dos democratas, o começaram — se é que começaram!... — a pensar. Vitória que, se de facto me surpreendeu pela dimensão que tomou, não me espantou pelo modo como — entre outros factores, naturalmente, como tem sido referido — se entregou ao trumpismo esse trunfo da tão evidente, generalizada e popular rejeição do wokismo, que facilmente se percebia que atravessava toda a sociedade americana. Reincidindo assim nos erros que, já em 2016, o filósofo Mark Lilla tinha apontado à esquerda americana, primeiro num oportuno artigo publicado logo em Dezembro desse mesmo ano no *The New York Times*, e depois desenvolvendo essas ideias num pequeno mas incisivo livro, intitulado *The Once and Future Liberal: After Identity Politics*, publicado em 2017 (entretanto traduzido para português pela editora Tinta da China, com o título *De Esquerda, Agora e Sempre*).

O wokismo será pois o tema deste livro, que será desenvolvido analisando e expondo as suas principais teses, fazendo-o à luz das perspectivas que tenho vindo a trabalhar nos últimos anos sobre as transformações em curso no mundo contemporâneo (nomeadamente nos livros *Sem Retorno*, em 2021, *A Democracia no seu Momento Apocalíptico*, em 2023, e em *Acuso*, em 2024), que aqui referirei de um modo breve e sintético, uma vez que o leitor interessado as encontrará,

de um modo mais substancial e desenvolvido, naquelas obras. Tema que é atravessado, todo ele, como adiante se argumentará, por uma *tese de fundo* que dá o subtítulo ao livro, «da ideologia de género ao fanatismo *woke*», apontando para o modo como, a meu ver, o wokismo é um produto de uma visão do nosso tempo e do nosso mundo que tenho designado como *o paradigma do ilimitado*.